

HOTELARIA NO RIO GRANDE DO SUL (1907-1940): UMA ANÁLISE A PARTIR DO ALMANAK LAEMMERT

HOTELS IN RIO GRANDE DO SUL (1907-1940): AN ANALYSIS FROM ALMANAK LAEMMERT

Dalila Müller¹

RESUMO: A proposta do presente artigo é traçar um panorama da hotelaria no Rio Grande do Sul nas décadas iniciais do século XX. A partir da lista de hotéis constantes no Almanak Laemmert, busca compreender as características da hotelaria no Estado no início do novecentos. O texto aborda, quantitativamente, o número de hotéis divulgados nos almanaques nos diferentes anos com o objetivo de verificar o aumento ou a retração deste ramo de negócios no Estado, bem como a localização, os proprietários e a denominação dos hotéis. Os hotéis foram importantes para o contexto da época, pois garantiram a mobilidade, a civilidade e o anonimato característicos da vida urbana brasileira no início do século XX. A análise permitiu compreender a configuração da hotelaria no Rio Grande do Sul, que se expandiu ao longo das quatro primeiras décadas do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: História da Hotelaria; História do Rio Grande do Sul; Almanak Laemmert.

ABSTRACT: The aim of this article is to present an overview of the hotel industry in Rio Grande do Sul in the early decades of the twentieth century. From the list of hotels listed in Almanak Laemmert, it seeks to understand the characteristics of the hotel industry in the state in the early nineteen-hundreds. The text addresses, quantitatively, the number of hotels published in the almanacs in the different years, with the aim of verifying the expansion or retraction of this branch of business in the State, as well as the location, the owners and the name of the hotels. Hotels were important to the context of the time, as they ensured the mobility, civility and anonymity characteristic of Brazilian urban life in the early twentieth century. The analysis allowed us to

* Pesquisa decorrente do projeto “A História da Hotelaria em Pelotas na Primeira Metade do Século XX”, desenvolvido na Universidade Federal de Pelotas. Atualmente o projeto não conta com financiamento. Uma versão preliminar do artigo foi apresentada no 30º Simpósio Nacional de História.

¹ Doutora em História (UNISINOS). Professora associada da Universidade Federal de Pelotas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5611-6537>. E-mail: dalilam2011@gmail.com.

understand the configuration of the hotel industry in Rio Grande do Sul, which expanded over the first four decades of the twentieth century.

KEYWORDS: History of Hotel; History of Rio Grande do Sul; Almanak Laemmert.

Considerações iniciais

Este artigo discute a hotelaria no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX a partir do Almanak Laemmert. Na historiografia, há uma carência de pesquisas e publicações sobre a história da hotelaria no Rio Grande do Sul. Trabalhos abordam a hotelaria e os hotéis em Porto Alegre (CASTILHO; PERONI, 2008; LEÃO, 2000) e em Pelotas (MÜLLER, 2004; 2010) e algum hotel em particular, como a dissertação sobre o Hotel Majestic em Porto Alegre (CARVALHO, 1994). Porém, não há trabalhos que identifiquem e analisem a hotelaria no Estado de maneira mais geral, somente um artigo sobre casas de pasto, as quais, segundo a autora, precederam os hotéis e os restaurantes, sendo um local que atendia, principalmente, aos tropeiros (MACHADO, 2014).

Considera-se importante estudar a hotelaria do Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX pois,

Os hotéis eram também como portas da cidade, no sentido de que, no seu interior, podia-se conviver com o que chegava de fora da localidade, com os estrangeiros com novas práticas, fossem as relacionadas à viagem, ao comer, ao dormir, os laços de sociabilidade e às relações de trabalho no setor de serviços. (SIQUEIRA, 2013, p. 419)

O contexto urbano do Rio Grande do Sul cresce e se transforma ao longo das primeiras décadas do século XX. Dos 1.149.070 habitantes em 1900, passa para 2.182.713 em 1920, para atingir 3.320.689 em 1940, um aumento de 189% em 40 anos. As cidades mais populosas em 1900 são a capital, Porto Alegre, seguida de Pelotas, Cachoeira, Lajeado e Santa Maria. As menos populosas neste mesmo ano são Santo Amaro, Dolores de Camaquã, Triunfo,

Arroio Grande e São João de Camaquã (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 1981).

Já em 1940, as cidades de Porto Alegre, Palmeira, José Bonifácio, Pelotas e Santa Rosa são as mais populosas, porém, as mais densamente povoadas são Porto Alegre, Novo Hamburgo, Caxias do Sul, São Leopoldo e Canoas (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 1981), ou seja, estas são as cidades mais povoadas do Estado.

Durante a Primeira República, há uma hegemonia dos republicanos no Estado, através do Partido Republicano Rio-Grandense, que tinha um caráter autoritário e centralizador, com influências das ideias positivistas. Essa influência positivista é responsável por uma “intensa modernização urbana, em Porto Alegre e nas principais cidades do Estado.” (WASSERMAN, 2004, p. 279).

Do ponto de vista econômico, há uma diversificação das atividades nesse período, com o desenvolvimento de indústrias e de serviços (WASSERMAN, 2004), porém, o crescimento econômico se dá a partir do desenvolvimento das atividades primárias ligadas, principalmente, à pecuária. De um total de 2.328.016 pessoas de 10 anos ou mais ocupadas no ano de 1940, 756.392 estão ocupadas com atividades agrícolas, pecuária e/ou silvicultura (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 1981), ou seja, 1/3 da população, demonstrando a importância destas atividades para o desenvolvimento do Estado.

Os hotéis são importantes neste contexto, uma vez que o hotel “foi uma das peças-chave de mudança na modernidade, pois garantiu a mobilidade, a tolerância, a civilidade e o anonimato característicos da vida urbana nas cidades” (SIQUEIRA, 2013, p. 439).

Neste trabalho, a hotelaria no Rio Grande do Sul é analisada a partir dos exemplares do Almanak Laemmert disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional². Na hemeroteca estão disponíveis exemplares

² Os exemplares dos almanaques estão disponíveis em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/almanak-administrativo-mercantil-industrial-rio-janeiro/313394>.

das décadas de 1890, 1900, 1910, 1920, 1930 e do ano de 1940, porém, somente a partir de 1907 traz informações dos estados brasileiros e suas respectivas cidades. Em alguns anos estão agrupados em um único Almanak, como é o caso dos anos 1911 e 1912; 1919 e 1920; 1921 e 1922; e 1922 e 1923.

Desse modo, foram consultados o primeiro e o último exemplar disponível, ou seja, 1907 e 1940 e os exemplares de 1910, 1915, 1919/1920, 1925, 1930 e 1935, totalizando oito anos pesquisados, visando abranger todo o período.

Nos almanaques são encontradas informações sobre o calendário e “informações úteis”, tabelas de câmbio, tarifas alfandegárias, repartições e serviços federais, constituições federais e estaduais, leis, decretos, características geográficas, número de habitantes e divisão administrativa, judiciária, eclesiástica do país, dos estados e das cidades, dentre outras informações.

No que se refere aos estados, os almanaques apresentam uma notícia histórica e descritiva do Estado e da sua capital, informações relativas ao governo, repartições públicas, justiça, comércio, indústria e profissões. Apresentam também informações de cada um dos seus municípios, com origem, atividades econômicas, vias de comunicação, número de habitantes e de eleitores, sociedades, clubes, imprensa, governo municipal, justiça, polícia, instrução, coletoria, correio, telégrafo, religião, comércio, indústria, profissões, principais agricultores, criadores e capitalistas (ALMANAK, 1910, 1940).

Dentre as informações das cidades, consta a lista de sociedades, clubes, hospitais, profissionais liberais, indústrias/fábricas, comércio, etc.. Nesta lista, no item “Comércio, indústria e profissões”, constam as rubricas “Hotéis”, “Pensões”, “Hotéis e Pensões” e “Hotel e Bilhares”, sendo que a mais encontrada foi “Hotéis”, que, em algumas situações elencam também pensões. Somente a cidade de Viamão apresenta, no ano de 1919/1920, o item “Hotel e Bilhares”, com um estabelecimento e a cidade de Caçapava, no ano de 1935, o item “Hotéis e Pensões”, com cinco hotéis e uma pensão.

Além dessas, foi identificada, somente nas cidades de Guaporé no ano de 1925 e de Bento Gonçalves em 1910, a rubrica “Hospedarias”, sendo que em Bento Gonçalves consta acompanhada de “casas de pasto”³. Em Guaporé estão listadas 20 hospedarias e em Bento Gonçalves duas hospedarias ou casas de pasto. Com a rubrica específica “Pasto (Casas de)” estão elencadas, na cidade de São Leopoldo nos anos de 1910 e 1915, três estabelecimentos, sendo os mesmos em ambos os anos.

Em Porto Alegre no ano de 1935, além de “Hotéis” e “Pensões”, há uma rubrica específica para “Pensões de Artistas”, elencando oito pensões, sendo sete com o nome da proprietária e uma com a denominação “Hotel Central”. A denominação “pensões de artistas” diz respeito a um local de prostituição, onde a prostituta reside na pensão e está submissa a uma cafetina, dona do estabelecimento (PEREIRA FILHO, 2014). Segundo o autor, estabelecimentos com essa denominação são comuns nesse período em diferentes capitais brasileiras, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Manaus. É possível acrescentar, também, a capital Porto Alegre.

Foi consultada a sessão do Estado do Rio Grande do Sul, identificando-se as cidades constantes e as que divulgaram seus estabelecimentos de hospedagem. Algumas cidades que constam no almanaque possuem a lista de “Comércio, indústria e profissões”, mas não incluem informações de hotéis e/ou pensões e outras, ainda, não possuem a lista de estabelecimentos comerciais, industriais e profissões, cuja justificativa é de que a editora do Almanak não havia recebido “as informações solicitadas ao digníssimo intendente municipal” (ALMANAK, 1919/1920, p. 3682). Essas informações eram gratuitas e poderiam ser atualizadas anualmente pelas cidades.

Desse modo, obteve-se informações dos estabelecimentos de hospedagem de 51 cidades em 1907, 60 cidades em 1910 e em 1915, 45 cidades em 1919/1920, 46 cidades em 1925, 23 em 1930, 27 em 1935 e 13 cidades em 1940. Destas, apenas oito cidades divulgam seus estabelecimentos de

³ Originariamente, as casas de pasto eram estabelecimentos que tinham como atividade principal o fornecimento de refeições, e subsidiariamente alugavam quartos para hospedagem (BELCHIOR; POYARES, 1987).

hospedagem em todos os anos pesquisados. São elas: Bagé, Cachoeira, Caxias do Sul, Pelotas, Porto Alegre, Rio Grande, Santa Maria e Santana do Livramento.

Identificadas as cidades e as listas de hotéis e/ou pensões, foram copiados todos os hotéis e pensões elencados, elaborando um quadro dos estabelecimentos de hospedagem das cidades do Rio Grande do Sul em cada um dos anos pesquisados, procedendo-se à análise, tanto de forma quantitativa quanto qualitativa.

É importante destacar que não há uma uniformidade nas informações dos estabelecimentos de hospedagem, podendo ser apresentado somente o nome do hotel e/ou pensão, ou somente o proprietário, ou o hotel e o endereço, ou o proprietário e o endereço ou, ainda, o nome, o proprietário e o endereço, situação menos encontrada. Por exemplo, em 1910 a cidade de Antônio Prado divulga dois hotéis apenas com o nome do proprietário – “Alberto Meyer” e “João Tergolino”; Bagé divulga o nome, proprietário e a localização dos hotéis – “Hotel da Estação, de João Villar, Caetano Gonçalves, 48”; Dom Pedrito informa o proprietário e o nome dos hotéis – “Irmãos Firpo, Hotel Americano”; Quaraí, divulga dois hotéis, um constando o proprietário e o endereço (“Celso Ivo de Moraes, praça General Osorio”) e o outro com a proprietária, o nome e o endereço do hotel (“Graciana Arhdoin, Hotel Central, praça General Osorio”).

Os hotéis do Rio Grande do Sul nos dados do Almanak Laemmert

Como mostra a leitura dos almanaques, no ano de 1907 51 cidades divulgam seus hotéis no Almanak Laemmert, enquanto que nos anos de 1910 e 1915 60 cidades. Nestes dois últimos anos, apenas duas cidades são diferentes. São Borja divulga seus hotéis em 1910, mas não em 1915, enquanto que Vacaria divulga em 1915 e não em 1910. Nos anos seguintes, o número de cidades que divulgam seus hotéis diminui, passando para 43 em 1919/1920, 46 em 1925, 23 em 1930, 27 em 1935 e 13 em 1940⁴.

⁴ Até o ano de 1934 o Almanak Laemmert constava de quatro volumes, sendo um deles específico para os estados “ao sul do Rio de Janeiro”, entre eles, o Rio Grande do Sul. A partir de 1935, sob nova administração, passa para somente um volume, englobando todo o Brasil. A

Desse modo, temos que 74% dos 69 municípios existentes no Rio Grande do Sul em 1907 divulgam seus hotéis no Almanak Laemmert, diminuindo para 59% das 73 cidades em 1920 e para apenas 15% dos 88 municípios em 1940⁵.

A diminuição de 60 cidades em 1915 para 43 em 1919/1920 pode estar relacionada ao contexto da época. Vários episódios podem ter contribuído para esta redução, entre eles, a I Guerra Mundial, as epidemias (varíola, e gripe espanhola, por exemplo) e endemias (tuberculose) e a intensificação das greves no Rio Grande do Sul nos anos de 1917, 1918 e 1919. Da mesma forma, a redução drástica do número de cidades no ano de 1940 pode estar relacionada à II Guerra Mundial e ao contexto do Brasil com o Estado Novo.

Outros fatores podem explicar a redução no número de cidades presentes no Almanak ao longo das décadas. Há uma redução no número de volumes e páginas do almanaque a partir de 1935, passando a circular em apenas um volume, englobando todo o Brasil. Na sessão do Rio Grande do Sul figuram somente suas principais cidades (Bagé, Cachoeira, Caxias, Cruz Alta, Jaguarão, Passo Fundo, Pelotas, Porto Alegre, Rio Grande, Santa Maria, Santana do Livramento, São Leopoldo e Uruguaiana). Nesse formato de um único volume não durou 10 anos, sendo publicado pela última vez no ano de 1942.

Outra questão importante de destacar é o fato de que o Almanak tinha o objetivo de divulgar, entre outras informações, as casas comerciais, industriais e de serviços e o endereço desses estabelecimentos (DONEGÁ, 2012), disponibilizando muitas páginas para essa relação, o que pode ter sido suprido pela chegada das listas telefônicas. Em Pelotas, o primeiro “Livro de Assignantes da Companhia Telephonica Melhoramentos e Resistência” se refere ao ano de 1925 (LIVRO DE ASSIGNANTES, 1925-1934) e, à medida

justificativa era de que as modificações tinham sido realizadas para “atualizar todas as informações” de maneira a “facilitar o manuseio do livro” e “reduzir o preço do volume”, “dispondo o texto no menor número possível de páginas”. (ALMANAK, 1935, s/p).

⁵ O número de municípios do Rio Grande do Sul foi obtido dos censos (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 1981).

que as décadas vão passando, demonstra um significativo aumento no número de assinantes.

O Quadro 1, que apresenta a relação entre o número de cidades e de hotéis, mostra que o número de hotéis no Rio Grande do Sul vai aumentando ao longo das quatro primeiras décadas do século XX. Esse aumento é bastante significativo, passando de uma média de aproximadamente três hotéis por cidade em 1907 para 13,4 hotéis em 1940, ou seja, um aumento de mais de quatro vezes. A média pode não ser a medida mais adequada para analisar determinadas características de um grupo de informações, mas, neste caso, permite ter uma ideia do aumento no número de estabelecimentos hoteleiros no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX.

Quadro 1 – Relação entre o Número de Cidades e Hotéis

	Cidades	Hotéis	Relação entre cidades/hotéis
1907	51	159	3,1
1910	60	215	3,6
1915	60	242	4,0
1919/1920	43	185	4,3
1925	46	197	4,3
1930	23	147	6,4
1935	27	266	9,9
1940	13	174	13,4

Fonte: Almanak Laemmert (1907, 1910, 1915, 1919/1920, 1925, 1930, 1935, 1940).

Analisando especificamente o número de hotéis das oito cidades que constam em todos os almanaques consultados, verifica-se um crescimento de 1907 até 1915, passando de 4,9 hotéis por cidade para 7,9, porém há uma redução no período de 1915 e 1919/1920 (de 7,9 para 7,1). No período de 1919/1920 a 1935 volta a aumentar, subindo de 7,1 para 14,5, apresentando um aumento de aproximadamente 100%. Novamente no período de 1935 a 1940 há uma pequena redução de 14,5 para 13,4. Essas reduções (1915 para 1919/1920 e 1935 para 1940) podem estar associadas ao período das duas guerras mundiais.

No período de 1907 e 1940 destaca-se o aumento significativo no número de hotéis divulgados no Almanak pelas cidades de Caxias do Sul (3 e

14, respectivamente), Pelotas (6 e 17), Porto Alegre (6 e 17) e Santa Maria (4 e 35, respectivamente) e a redução no número de hotéis pela cidade de Bagé (de 8 para 6 hotéis). Porém, especificamente na última década – 1930-1940 – há uma redução dos hotéis nas cidades de Bagé (8-6), Cachoeira (8-6), Porto Alegre (20-17) e Rio Grande (11-7). Nas demais cidades o número de hotéis aumenta.

Em 1940, as cidades que possuem o maior número de hotéis divulgados no Almanak são Santa Maria (35 hotéis), Porto Alegre, Pelotas (17 hotéis cada uma) e Caxias do Sul (14 hotéis). Neste ano, Porto Alegre é a cidade mais populosa, com 272.232 habitantes e uma densidade demográfica de 655,98 hab/km², seguida de Pelotas, com 104.553 habitantes, com uma densidade demográfica de 34,89; Caxias do Sul possui 39.677 habitantes e 59,40 habitantes por km²; já Santa Maria possui 75.597 habitantes e 23,86 hab/km². As cidades de Bagé, Cachoeira, Rio Grande e Santana do Livramento possuem um número maior de habitantes que Caxias do Sul, mas uma densidade demográfica menor. Santana do Livramento, por exemplo, possui 6,6 hab/km² (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 1981, p. 145). Os municípios do Rio Grande do Sul mais densamente povoados e urbanizados no período possuem um maior número de hotéis, demonstrando a relação das atividades hoteleiras com os centros urbanos.

O número total de hotéis das oito cidades que aparecem em todos os anos analisados passa de 39 em 1907 para 107 em 1940, um aumento de quase trezentos por cento (274%) em quatro décadas. Esse aumento pode evidenciar o crescente desenvolvimento das cidades gaúchas, pois, segundo Siqueira (2012b, p. 8) os hotéis eram “peças-chave de modernização da cidade, isto é, proporcionavam mobilidade e anonimato”.

Os fatores, já citados anteriormente, como o aumento da população e o consequente aumento dos domicílios, que passa de 188.301 em 1900 para 676.861 em 1940 (IBGE, 1950), a urbanização e a diversificação das atividades econômicas, para citar somente alguns, podem demonstrar a relação entre a modernização urbana e a instalação de um número cada vez maior de hotéis nas cidades gaúchas.

Durante as primeiras quatro décadas do século XX houve uma preocupação em ampliar a oferta de meios de hospedagem e qualificar os estabelecimentos existentes em todo o Brasil, incluindo o Rio Grande do Sul, através da promulgação de leis, tanto em nível nacional como estadual. O Decreto Federal nº 1160, de 23 de dezembro de 1907 (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO, 2005) e a Lei Estadual nº 222, de 23 de novembro de 1917, do Rio Grande do Sul, que isentava de impostos, “por espaço de 15 anos, os hotéis modelos que se estabelecerem no Estado, em edifícios construídos especialmente para esse fim” (PROSPECTO DA COMPANHIA GRANDE HOTEL DE PELOTAS, 1922, p. 1-2), podem ter incentivado a construção de novos empreendimentos hoteleiros, contribuindo para o aumento no número de hotéis no Estado.

Outra informação que demonstra que novos estabelecimentos foram abertos durante as primeiras décadas do século XX é o pequeno número de hotéis que se manteve em funcionamento do início do século até o ano de 1940. Além das oito cidades, Cruz Alta, Jaguarão, Passo Fundo, São Leopoldo e Uruguaiana também divulgam seus hotéis nos anos de 1907 e 1940. Em Pelotas três hotéis se mantem em funcionamento ao longo das décadas – Hotel Aliança, Hotel Brasil e Hotel Grindler –; em Rio Grande (Grande Hotel e Paris Hotel), Santa Maria (Hotel Hamburgo e Hotel dos Viajantes, que, a partir de 1919, passa a se chamar Hotel Leon) e Cruz Alta (Hotel Espelet e Hotel dos Viajantes), dois hotéis em cada cidade; e, em Bagé (Hotel Brasil), Porto Alegre (Hotel Schmidt), Santana do Livramento (Hotel Labarth), Passo Fundo (Hotel Internacional) e Uruguaiana (Hotel Derosa) apenas um hotel se mantem até 1940.

Mesmo analisando a presença de hotéis constantes em 1907 e também em 1930, poucos hotéis ainda estão em funcionamento nesse ano. Além dos hotéis citados acima, em Bagé, o Hotel Comércio e o Hotel da Estação, em Porto Alegre, o Hotel Lagache e em Rio Grande, o Hotel Brasil estão abertos em 1930, mas não figuram em 1940. Em Caxias do Sul, cidade em que nenhum

hotel se manteve até 1940, apenas um hotel (Hotel Bella Vista) está em funcionamento em 1930.

Isso não significa que permanecem com o mesmo proprietário por todos esses anos. Müller (2004) observou a grande rotatividade dos proprietários dos hotéis pelotenses no século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

A longevidade desse pequeno número de hotéis pode estar relacionada às constantes reformas pelas quais passam, visando ampliar suas instalações, modernizá-las com a instalação de luz, água encanada, esgotos e telefone e qualificar os seus serviços. Pode-se citar o Hotel Aliança, em Pelotas, que passa por constantes reformas durante o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (TEIXEIRA, 2018). Por outro lado, os hotéis que não conseguem acompanhar a urbanização e a modernização dos espaços urbanos fecham suas portas, dando lugar a hotéis mais “modernos” no que se refere à estrutura física, qualidade e rigor nos serviços, os quais vão suprir estas funções.

Analisando apenas as cidades que constam em todos os almanaques, tem-se, em 1940, 62 novos hotéis em relação ao ano de 1930, ou seja, 58% dos hotéis elencados naquele ano provavelmente foram abertos ao longo da década de 1930. Isso demonstra, mais uma vez, que a hotelaria no Rio Grande do Sul foi se renovando ao longo das primeiras décadas do século XX. Cachoeira, Caxias do Sul, Pelotas, Porto Alegre e Santa Maria são as cidades que apresentam o maior número de novos hotéis em 1940, com 83%, 57%, 59%, 53% e 73%, respectivamente. Já em Bagé, Rio Grande e Santana do Livramento houve uma pequena renovação da hotelaria, apresentando 33%, 13% e 20% de novos hotéis, respectivamente, na década de 1940.

Rio Grande, Santana do Livramento e Bagé são as cidades que menos renovaram sua hotelaria ao longo das primeiras décadas do século XX. Em 1940 Rio Grande possui sete hotéis, sendo seis já existentes em 1930 e dois já existentes em 1907; Santana do Livramento divulga cinco hotéis em 1940, destes, quatro já elencados em 1930 e um em 1907; e Bagé divulga seis hotéis em 1940, sendo que quatro já estavam listados em 1930 e um hotel em 1907.

As informações dos almanaques também permitem fazer algumas considerações a respeito da localização dos hotéis. A importância das estradas de ferro para o transporte da produção e para a circulação de passageiros fez com que se instalassem hotéis nas proximidades das estações férreas. Barbuy (2006) considera que a modernidade se realizava na conjugação de dois de seus principais elementos: as estações de trem e os hotéis.

A construção das estradas de ferro no Rio Grande do Sul tem início na segunda metade do século XIX, sendo que a primeira seção da estrada de ferro que ligava a zona de colonização alemã (São Leopoldo) com Porto Alegre é inaugurada em 1874. A linha é ampliada chegando até Canela em 1922. Além desta ferrovia, foi sendo implantada uma rede de estradas de ferro a partir de quatro linhas principais: Porto Alegre-Uruguaiana, passando por Santa Maria e Cacequi (1878), Rio Grande-Bagé, passando por Pelotas (1884), Santa Maria-Marcelino Ramos, passando por Cruz Alta e Passo Fundo (1894) e Barra do Quaraí-Itaqui (1887) (IPHAE, 2002).

A importância das estações faz com que os hotéis utilizem o nome “Hotel da Estação” ou, quando divulgam seu endereço, destaquem a proximidade com as mesmas. Hotéis em Bagé, Porto Alegre e em Montenegro utilizam a denominação “Hotel da Estação” e os hotéis Democrata, Hamburgo e Müller em Santa Maria e o Hotel Italiano em Cruz Alta destacam, nos almanaques, que se localizam “perto da estação” ou “junto à estação”. Outros hotéis se localizam próximos às estações férreas, mesmo sem destacarem nos almanaques, como o Hotel União em Pelotas e os hotéis Aliança e dos Viajantes em Rio Pardo, todos localizados na mesma rua da Estação Férrea da cidade.

O nome Hotel dos Viajantes também pode remeter a relação com a estrada de ferro, que facilitou o deslocamento e a circulação de pessoas entre as cidades, aumentando a demanda por hospedagem. Caçapava do Sul, Cruz Alta, Itaqui, Novo Hamburgo, Passo Fundo, Rio Pardo, Santa Maria, Santana do Livramento, Santo Amaro e S. Vicente possuem um ou mais hotéis com esta denominação ao longo das primeiras décadas do século XX.

No Brasil, a estrada de ferro foi a “esperança do desenvolvimento desta condição moderna para o país, de possibilitar a criação de uma indústria interligada à produção agrícola e, por consequência, estimular o crescimento de cidades.” (SCHMITZ, 2013, p. 40). Assim, a estrada de ferro favorece o movimento dos hotéis, por transportar a produção agrícola, mas principalmente, o lazer, a cultura, as maneiras mais “modernas” e “civilizadas” de se viver.

A estrada de ferro também intensifica e possibilita novos destinos para os viajantes em viagens de lazer, cujos principais atrativos são as festas religiosas e os eventos esportivos nas diferentes cidades do Rio Grande do Sul e as atividades de lazer em contato com a natureza, principalmente em locais próximos às estações férreas (MÜLLER, 2013). Desse modo, os hotéis próximos às estações férreas também atendem esses viajantes, cujas viagens, em algumas situações, se estendem de sábado ou domingo até a metade da semana (MÜLLER, 2013).

Outra característica da hotelaria é a concentração dos hotéis em ruas específicas das cidades e nas praças centrais. Em Porto Alegre as ruas com maior concentração de hotéis são a Marechal Floriano, a Voluntários da Pátria e a Praça da Alfândega. Em Bagé, se destaca a rua General Sampaio; em Cruz Alta a rua do Comércio, sendo o hotel nesta rua considerado “o mais central”; em Pelotas, as ruas Quinze de Novembro e Andrade Neves; em Rio Grande a rua Marechal Floriano; em Santa Maria, a rua Venâncio Aires; em Rio Pardo, a rua Quinze de Novembro; em São Gabriel, a Praça da Matriz; em São Leopoldo a rua S. Miguel; em Uruguaiana a Praça Rendição; e em Quaraí, a Praça General Osório. Essas ruas são, principalmente, as mais centrais e as mais importantes por concentrarem outros estabelecimentos comerciais e de sociabilidade, como armazéns, bazares, bancos, confeitarias, cafés, clubes e cinemas.

As praças também estão localizadas na área central das cidades. A praça ajardinada ganha destaque na virada do século XIX para o XX, período em que surgem as campanhas de modernização, salubridade e embelezamento das cidades. A praça é destinada para a recreação, para o lazer contemplativo e para

a convivência social da população. Assim, a praça principal da cidade é para a elite e para seu prazer (PARADEDA, 2008). Também é no entorno das praças que se localizam a igreja, as casas comerciais, os edifícios institucionais, como prefeituras, teatros, e as casas residenciais das mais importantes famílias.

Localizados nas principais ruas e na praça central, os hotéis compartilham os lugares mais importantes e movimentados das cidades, tanto economicamente como socialmente e culturalmente, atraindo, assim, os seus hóspedes.

No início do século XX, uma das principais características da maioria dos hotéis existentes no Brasil é a utilização de antigas casas residenciais para a instalação do hotel. À medida que a demanda por hospedagem vai crescendo, os hotéis passam por reformas visando sua ampliação e, caso o prédio não tenha mais capacidade, alugam casas vizinhas para alocar seus hóspedes.

No Rio Grande do Sul a situação não difere, pois na lista de hotéis do Almanak Laemmert, principalmente nos primeiros anos, os hotéis ocupam dois ou três números de casas na mesma rua. Em Porto Alegre, o Hotel Jung ocupa as casas números 31 e 33 da rua Voluntários da Pátria no ano de 1915, passando a ocupar também o número 36A em 1925. Já em 1907, por exemplo, o Hotel do Comércio de Bagé ocupa três números (131, 133 e 135) da rua Sete de Setembro; o Hotel Francez de Jaguarão localiza-se na rua 15 de Novembro, números 70 e 72; o Hotel Paris em Rio Grande ocupa os números 142, 144 e 146 da rua Marechal Floriano. As informações demonstram que os hotéis se localizam em antigas residências e que, para atender a demanda, ampliam suas instalações a partir da ocupação de casas vizinhas. Desse modo, pode-se dizer que a hotelaria no Rio Grande do Sul, pelo menos nos primeiros anos do século XX, possui poucos prédios construídos especificamente para a hotelaria, se instalando em antigas casas residenciais.

Analisando apenas os hotéis que possuem o nome do proprietário nas listas, verifica-se que a grande maioria dos proprietários são homens. No ano de 1907, por exemplo, 135 hotéis são divulgados com o nome do proprietário, destes, 132 (98%) são homens e três viúvas, significando que a esposa assume o

hotel após a morte de seu marido, proprietário inicial. Esta característica se mantém nas décadas seguintes, uma vez que no ano de 1940, de um total de 78 hotéis com o nome do proprietário, 72 são comandados por homens, quatro por mulheres e dois por viúvas. Siqueira (2013) também constatou que um número muito pequeno de mulheres comanda os hotéis da cidade de São Paulo entre 1900 e 1917.

Isso não significa que as mulheres não ajudem o marido nas atividades do hotel, sejam administrativas ou operacionais, somente que o “cabeça” do negócio deve ser o homem, uma vez que o trabalho feminino ainda é condenado pelas regras sociais e que, pela legislação, às mulheres é proibido o registro de negócios e estabelecimentos comerciais em seu nome (CHARÃO, 2015).

O termo viúva vem acompanhado, em algumas vezes, não do seu nome, mas do nome do seu marido falecido, como por exemplo, a “Viúva Peregrino Gonçalves” do Hotel do Comércio de Bagé (1907) e a “Viúva Walter Kleine” do Hotel Paris de Rio Grande (1910). De acordo com Charão (2015, p. 160) nas décadas iniciais do século XX “somente as viúvas podiam assumir responsabilidades na condução de negócios ou empreendimentos. Contudo, esse entrave não impediu que um grande número de mulheres fossem proprietárias de seus próprios negócios”. Desse modo, por uma questão legal, é ressaltada a situação de viúva da proprietária.

Na cidade de Garibaldi, três dos dez hotéis divulgados em 1910, tem como proprietárias mulheres – Angelina Faraon, Clementina Picinini e Elisabetta Lucatelli. Esta é a cidade que, proporcionalmente, tem o maior número de mulheres comandando hotéis em um mesmo ano. O fato de 30% dos hotéis serem comandados por mulheres pode estar relacionado à descendência italiana. Garibaldi é uma cidade que foi colonizada por variadas nacionalidades, porém, predominando a italiana. Na hotelaria, a partir dos sobrenomes, verifica-se que predomina os proprietários italianos ou seus descendentes. De acordo com Charão (2015), as mulheres imigrantes italianas estavam presentes em diversas atividades do espaço urbano de Porto Alegre. A autora traz uma publicação do jornal A Reforma do ano de 1870 que destaca a participação do

sexo feminino, principalmente italianas, em diferentes locais de trabalho. Pode-se supor que, pelo fato de no seu país de origem ser mais comum o trabalho das mulheres, seja como empregadas ou proprietárias, as mulheres italianas ou descendentes tem uma participação mais significativa neste ramo de negócios.

As informações demonstram que no Rio Grande do Sul a hotelaria era uma atividade tipicamente masculina, da mesma forma que em outros estados do Brasil, destacados pelos trabalhos de Siqueira (2013), Belchior e Poyares (1987), Pires (2001), entre outros.

A partir dos sobrenomes dos proprietários é possível dizer que os hotéis possuem proprietários de diferentes nacionalidades, mas, principalmente, portugueses, alemães e italianos. Os sobrenomes alemães estão presentes em diferentes cidades, mas principalmente em Cachoeira, Cruz Alta, Montenegro, Porto Alegre, Santa Cruz, Santa Maria e São Leopoldo, cidades com grande presença de imigrantes teutos. Os sobrenomes italianos se destacam nos hotéis das cidades de Bento Gonçalves, Caxias do Sul e Garibaldi, cidades típicas da imigração italiana no Estado.

Isso demonstra a grande participação dos imigrantes ou seus descendentes na hotelaria do Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX. Pires (2001) observou a significativa presença de imigrantes, mas não exclusiva, nos estabelecimentos hoteleiros de São Paulo e do Rio de Janeiro. Desse modo, pode-se apontar que estabelecimentos hoteleiros de estrangeiros ou descendentes são comuns no Brasil nas primeiras décadas do século XX, incluindo o estado do Rio Grande do Sul.

Apenas duas cidades possuem hotéis cujo nome do proprietário demonstra serem de árabes, sírios, libaneses ou seus descendentes. Em Jaguarão, na fronteira com o Uruguai, Elias Maluff é proprietário do Hotel Monte Líbano e em Taquari, Mustafa Hassen possui um hotel em 1935. De acordo com Francisco (2017) muitos imigrantes sírios e libaneses estão presentes na fronteira do Brasil com o Uruguai e a Argentina desde a segunda metade do século XIX, são, principalmente, mascates que circulam pelo interior do Uruguai e da Argentina e pelo sul do Estado. O autor também afirma que

muitos imigrantes entraram a pé pela fronteira do Rio Grande do Sul, tendo ido se estabelecer em lugares mais distantes, entre eles, o Vale do Taquari.

Como nem todos os hotéis divulgam o proprietário, é possível que outras cidades possuíssem hotéis de sírio libaneses, uma vez que Francisco (2017, p. 28) encontrou “Números mais expressivos de árabes entre Porto Alegre, Santa Maria, Pelotas e Rio Grande.”. O autor identificou o imigrante Joseph Daher no Grande Hotel e Hotel Carraro em 1948, Alberto Nigri, no Hotel Regina (1939) e Hotel Majestic (1942), ambos em Porto Alegre e o imigrante Salim G. Mehchy, no Hotel Brasil em Pelotas, no ano de 1943.

As empresas hoteleiras atuam, principalmente, organizadas em torno de um proprietário individual ou em grupos familiares, como por exemplo, os Irmãos Firpo, do Hotel Americano e os Irmãos Prati, do Hotel do Comércio, ambos em Dom Pedrito (1910); Paseto Irmãos, em Cachoeira (1935); ou ainda, Christiano Goelzer & Filho e João Tessaro & Filho, ambos hotéis em Ijuí (1925) e o Hotel Brasil, de João Guedes & Filhos (1935), em São Borja. Normalmente, após a morte do proprietário do hotel, a viúva assume o estabelecimento juntamente com seus filhos – “Viúva Santos & Filho”, em Santa Vitória do Palmar (1907). Charão (2015) também constatou que os estabelecimentos dos imigrantes italianos se constituem por sociedades familiares. Desse modo, pode-se supor que os estabelecimentos hoteleiros, da mesma forma que os demais existentes no Rio Grande do Sul na época, são organizados individualmente ou por grupos ligados por laços familiares.

Os proprietários circulam por diferentes cidades do Rio Grande do Sul, abrindo hotéis. O primeiro arrendatário do Grande Hotel de Pelotas – Caetano Bianchi (1928) possuía, anteriormente, o Hotel Bianchi em Porto Alegre. Da mesma forma, o terceiro arrendatário do hotel – Silvio Jantzen (1938) (ECHART; MÜLLER, 2017) possui um hotel em Itaquí em 1935. Segundo Echart e Müller (2017), Silvio Jantzen era natural de Santana do Livramento e inaugurou, em 1941, o Hotel Jantzen em Santa Maria, ou seja, o proprietário passa por Itaquí, Pelotas e Santa Maria, mantendo o mesmo ramo de negócios.

Luiz Seixas possui um hotel em Bagé no ano de 1935 e, em 1942 compra o Hotel Grindler de Pelotas, inaugurando o Rio-Hotel (DIÁRIO POPULAR, 22.08.1942, p. 3). Ventura Bertuol possui um hotel em Bento Gonçalves nos anos de 1919/1920 e 1925, falece entre os anos de 1925 e 1930 e a viúva, Philomena Bertuol, mantém o ramo de negócios, mas divulga seu estabelecimento como pensão em 1930. Em 1935, Philomena reside em Caxias do Sul, com um hotel na cidade. Esses exemplos demonstram que os proprietários mudam de cidade, mas mantêm o mesmo tipo de empreendimento, demonstrando experiência neste ramo de negócios em diferentes cidades, ou seja, que os proprietários possuem tradição no ramo hoteleiro. Essas informações podem indicar também a rotatividade por que passava a propriedade dos hotéis no Rio Grande do Sul.

Alguns proprietários possuem também outros negócios comerciais ou industriais na cidade, junto aos hotéis ou em outros endereços. Como exemplo, podemos citar Miguel Spiazzi e Jacob Rick, ambos de Montenegro, cada um tem um hotel e um café e/ou bilhar (1910); Felipe Poersch, de Taquari, possui um hotel e um estabelecimento de fazendas e/ou secos e molhados e/ou ferragens (1910); em Venâncio Aires, João Fernando Schuck é proprietário também de uma padaria (1907-1915); em Viamão, três proprietários de pensões também possuem estabelecimentos de secos e molhados, fazendas e/ou ferragens.

Em Santa Maria a situação difere da anterior, uma vez que Antonio da Silva possui um estabelecimento de secos e molhados “junto ao Hotel Hambourg”, cujo proprietário era Fritz H. Hoppe (1919/1920; 1925). Provavelmente o proprietário do hotel alugava parte do prédio para o estabelecimento comercial, o que era comum ocorrer também em outras cidades, como Pelotas (MÜLLER, 2004) e em outros estados, como São Paulo (SIQUEIRA, 2012a).

Essas informações podem revelar que os hotéis contam com diferentes proprietários: uns hoteleiros mais ricos, que possuíam outros negócios e outros que viviam somente dos rendimentos de seus estabelecimentos. Como apontou

Siqueira (2013, p. 420) no seu estudo sobre a hotelaria em São Paulo a partir dos processos crimes, “os hotéis contavam com grande diversidade de proprietários, cujos patrimônios tinham dimensões bastante distintas”. De acordo com a autora, alguns proprietários eram muito ricos possuindo outros negócios na cidade ou fora dela, outros viviam com folga dos rendimentos de seus hotéis e outros, ainda, trabalhavam no hotel com poucos empregados e “morriam devendo aos fornecedores”.

No que se refere à denominação dos hotéis, verificou-se que os proprietários denominam seu estabelecimento pelo seu nome ou sobrenome, como por exemplo, Hotel Grindler (Pelotas), Hotel Bresolin (Bento Gonçalves), Hotel Bruno (Porto Alegre); ou fazendo referência à cidade, como Hotel Alegretense (Alegrete), Hotel Encruzilhadense (Encruzilhada do Sul) e Hotel Santa Maria (Santa Maria); ou, ainda, relembram a terra de nascimento do proprietário ou buscam influenciar os fregueses com o nome de alguma cidade europeia, como Hotel Portugal, Hotel Roma, Hotel Itália, Hotel Veneza, Hotel Paris. Outros nomes comuns aos hotéis identificados são Comércio, dos Viajantes, Brasil, Familiar e Central. Belchior e Poyares (1987) identificaram essas mesmas denominações para os hotéis do Rio de Janeiro, demonstrando que alguns nomes são comuns a diferentes cidades brasileiras.

Os autores encontraram hotéis com nomes curiosos ou extravagantes. A partir da análise das listas de hotéis verificou-se alguns nomes curiosos, embora pouco significativos. Pode-se citar o Hotel La Porta em Porto Alegre (1940), Hotel Sol de Ouro em Jaguarão (1921), o Hotel do Sol em Rio Grande e o Hotel Valente em Porto Alegre (1930).

É importante destacar também os hotéis cujos nomes são escritos no idioma do país de origem do proprietário, como por exemplo, o *Deutsche Hotel* em Cruz Alta, listado em 1910 e 1921 e o *Hotel Stadt Hamburgo* em Rio Grande (1921). Não se encontrou nenhum hotel nos demais idiomas, como, por exemplo, o italiano, outro grupo significativo de imigrantes que vieram para o Rio Grande do Sul. Os hotéis também são denominados por nomes que remetem ao país de origem destes imigrantes, como Hotel Germânia em Rio

Grande, Hotel Hamburgo em Santa Maria, Hotel Italiano em Cruz Alta (todos em 1910), Hotel Monte Líbano e Hotel Francês em Jaguarão (1921) e Hotel Uruguay em Uruguaiana (1930).

É significativo nomes de hotéis que utilizam o sobrenome dos proprietários, como a presença de sobrenomes de alemães e de italianos em quase todas as cidades do Rio Grande do Sul citadas nos almanaques. Destaca-se as cidades de Caxias do Sul, cidade de imigração italiana, como Hotel Bigarella, Hotel Menegotto, Hotel Compagnoni; e de Santa Cruz, cidade de imigração alemã, como o Hotel Hubner, Hotel Klumb, Hotel Schutz. Isso demonstra a grande participação dos imigrantes ou seus descendentes na hotelaria do Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX. Assim, essas informações fazem supor, mais uma vez, que os imigrantes tiveram uma participação importante na hotelaria do Rio Grande do Sul, trazendo um referencial europeu para esse ramo de negócios (BARBUY, 2006).

As cidades de Porto Alegre, Caxias do Sul, Pelotas, Rio Grande, Santa Maria, São Gabriel, Taquara e Uruguaiana constroem um Grande Hotel nas décadas estudadas. Rio Grande (1907-1940) e São Gabriel (1907-1925) já possuem o Grande Hotel na primeira década do século XX; Porto Alegre possui dois hotéis com esta denominação em 1915, três em 1935 e quatro em 1940; Uruguaiana (1919/1920) já possui o hotel na década de 1910; Pelotas anuncia seu Grande Hotel em 1930; Taquara em 1935 e Caxias do Sul e Santa Maria em 1940.

Destaca-se a importância de se ter um Grande Hotel na cidade, que representa um marco na história da hotelaria porque, “além da sofisticação nos serviços que ali se ofereciam”, normalmente é “o primeiro hotel cujo prédio não foi adaptado, isto é, a edificação foi erguida para funcionar como estabelecimento de hospedagem” (SIQUEIRA, 2012a, p. 347). Em São Paulo, segundo Siqueira (2012a, p. 347), o Grande Hotel foi construído no final da década de 1870, quando “surgiu a estrela da hotelaria paulistana”, sendo considerado um marco na história da hotelaria de São Paulo.

Da mesma forma, mas algumas décadas depois, o Grande Hotel é construído em diferentes cidades do Rio Grande do Sul. Normalmente, esse empreendimento “vinha marcar mudanças de proporção e padrões para hotéis na cidade.” (BARBUY, 2006, p. 99).

Em Caxias do Sul, a denominação Grande Hotel vem acompanhada do sobrenome do proprietário, Narcizo Mimoso. Este hotel é aberto em setembro de 1933 (O MOMENTO, 11.09.1939, p. 4) e destaca em seus anúncios que o “Prédio [é] especialmente construído para Hotel” (CAXIAS – JORNAL, 28.07.1934, p. 3; O MOMENTO, 07.09.1939, p. 4), demonstrando a importância, na época, dos hotéis cujas instalações não ocupavam antigas casas de residência. Este deve ter sido um dos primeiros hotéis com esta característica, senão o primeiro, na cidade de Caxias do Sul.

Em Pelotas, o Grande Hotel começa a ser construído em 1925 e é inaugurado em 1928, sendo este o primeiro hotel cujo prédio foi construído especificamente para a finalidade de hospedar. Segundo Müller (2004, p. 85) o Grande Hotel “representa a ‘maioridade’ da hotelaria pelotense, uma vez que possuía um prédio construído exclusivamente para a finalidade de prestar serviços hoteleiros e possuía tamanho e arquitetura ousados para época”.

Verificando os jornais das cidades de Caxias do Sul (Caxias – Jornal e O Momento) e de Pelotas (Diário Popular) da época, percebe-se que estes hotéis hospedam os visitantes ilustres da cidade, como políticos, artistas, entre outros, bem como, é neles que se realizam os banquetes e festas mais importantes da cidade, sendo estes importantes espaços de sociabilidade.

Porto Alegre apresenta vários hotéis com a denominação Grande Hotel. Frederico Schmidt possui uma pensão em 1907, passando a denominá-la de hotel em 1910 e, a partir de 1915, Grande Hotel Schmidt. J. P. Bourdette & Cia. possui o Grande Hotel, localizado na Praça da Alfândega, a partir de 1915. Christino Cuervo e Irmãos possuem o Grande Hotel localizado na rua Andradas, cuja “construção de um moderno edifício, próprio para a função hoteleira” inicia em 1916 e é concluída em 1918 (LEÃO, 2000, p. 5). Além

desses, o Grande Hotel Metrópole (1935-1940) e o Grande Hotel Centenário (1940) também aparecem nos almanaques.

O Grande Hotel de Porto Alegre (de Cuervo, Irmãos e Cia.) e de Pelotas são listados por Flores (1993), juntamente com o Hotel Majestic, o Hotel Paris e o Hotel Aliança, como os hotéis de qualidade no Rio Grande do Sul no final da década de 1920, sendo o Grande Hotel de Pelotas considerado “a joia da hotelaria gaúcha à época.” (FLORES, 1993, p. 20).

Os hotéis denominados Grande Hotel são de grande porte, cobram mais caro pelos serviços, recebem os hóspedes com mais dinheiro e são os espaços principais dos banquetes e das festas. Assim, eles podem ser vistos “como sintomas do aburguesamento ou europeização dos hábitos de consumo e de lazer” (SIQUEIRA, 2013, p. 420) pelo qual passam as cidades gaúchas.

Esses hotéis também representam “as primeiras projeções de modernidade, signos imponentes de novos tempos que viriam para a cidade, de riqueza material e cosmopolitismo, varrendo-lhe a antigualha provinciana, como era visto todo o vestígio do passado.” (BARBUY, 2006, p. 101).

Considerações finais

A partir da análise dos almanaques é possível dizer que o número de hotéis no Rio Grande do Sul vai aumentando ao longo das quatro primeiras décadas do século XX, incorporando novos empreendimentos hoteleiros aos já existentes. Um pequeno número de hotéis se manteve em funcionamento do início do século (1907) até o final da década de 1930 (1940), demonstrando a renovação deste ramo de negócios no Estado.

O aumento no número de hotéis nas cidades gaúchas pode estar relacionado à modernização e urbanização, ao aumento da população urbana, à diversificação das atividades econômicas, mas também ao incentivo dado pelos governos brasileiro e do Estado para a construção de novos estabelecimentos hoteleiros ou qualificação dos já existentes, visando trazer novos ares para as cidades gaúchas que se querem mais modernas e cosmopolitas.

O maior número de hotéis é encontrado nos municípios mais densamente povoados e urbanizados, nas principais cidades do Estado no período, como Porto Alegre, Caxias do Sul, Pelotas e Santa Maria, o que revela a relação das atividades hoteleiras com os centros urbanos.

Nas cidades, os hotéis surgem nos lugares mais importantes e movimentados, na região comercial, nas estações de trem. As principais ruas e praças, por serem mais centrais e concentrarem outros estabelecimentos comerciais e de sociabilidade e as ruas próximas às estações férreas, vão sendo compartilhadas pelos hotéis.

Os hotéis são comandados majoritariamente por homens, aparecendo um número insignificante de hotéis cujas proprietárias são mulheres, demonstrando que a hotelaria no Rio Grande do Sul é uma atividade tipicamente masculina, organizada a partir de um proprietário individual ou em grupos familiares. Um ponto que também merece ser evidenciado é a presença de proprietários de diferentes nacionalidades, com destaque para a portuguesa, alemã e italiana. Esses estrangeiros, com suas qualificações e experiências que trazem, muitas vezes, de seus países de origem e seus modos de vida próprios imprimem uma nova configuração no cenário da hotelaria no Rio Grande do Sul.

Os proprietários utilizam, principalmente, antigas residências para estabelecer seu hotel, as quais passam por reformas e ampliações, em algumas situações, a partir da anexação de casas vizinhas para atender a demanda por hospedagem. Porém, é importante destacar que nas primeiras décadas do século XX são construídas edificações próprias para funcionar como estabelecimento de hospedagem, alguns denominados de Grande Hotel. Esses empreendimentos marcam mudanças significativas nos padrões dos hotéis, representando a modernidade, o cosmopolitismo e o aburguesamento dos hábitos de consumo e de lazer das cidades gaúchas.

A hotelaria no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX é um importante ramo de negócios que contribui para o enriquecimento e aburguesamento das diferentes cidades gaúchas, à medida que havia diferentes

tipos de estabelecimentos de hospedagem, desde hotéis mais simples e pequenos até os grandes e luxuosos hotéis, como o Grande Hotel.

Conhecer a história da hotelaria no Rio Grande do Sul na sua universalidade e nas suas especificidades pode vir a ser uma forma de compreender a sociedade da época, uma vez que os hotéis se constituem em local de hospedagem, possibilitando o encontro fortuito, efêmero e relativamente anônimo com quem está de passagem, mas também em local de sociabilidade, favorecendo o convívio, o contato mais direto entre os moradores das cidades através da conversação, dos banquetes, das festas e dos jogos que acontecem nos seus espaços internos (MÜLLER, 2010).

É importante destacar algumas limitações ao utilizar esta fonte para a pesquisa. A partir da análise dos almanaques, verificou-se que sua publicação não se manteve regularmente, apresentando, em alguns anos, dois volumes, em outros quatro, e em outros apenas um volume, englobando todo o país. Os almanaques não mantiveram o mesmo formato ao divulgar os hotéis, uma vez que em determinadas situações apresentam somente o nome do hotel e em outras somente o nome do proprietário, o que dificultou uma análise mais completa.

Mesmo assim, dada a escassez de bibliografias sobre os hotéis no Rio Grande do Sul, o Almanak Laemmert é uma importante fonte para traçar um panorama da hotelaria no Estado. Considera-se, portanto, os almanaques como uma fonte que permite compreender aspectos da hotelaria no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX, período em que houve grandes mudanças, tanto econômicas quanto sociais e culturais. Os almanaques mostram uma visão ampla da hotelaria, sendo este um primeiro passo para entender o desenvolvimento desta atividade no Estado.

Referências

ALMANAK LAEMMERT. **Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1907**. Obra Estatística e de Consulta. 64º Anno. Rio de Janeiro: Oficinas Typographicas do Almanak Laemmert, 1907. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

ALMANAK LAEMMERT. **Anuario Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial dos Estados Unidos do Brasil e Indicador para 1910**. Rio de Janeiro: Oficinas Typographicas do Almanak Laemmert, 1910. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

ALMANAK LAEMMERT. **Anuario Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brasil para 1915**. 71º Anno, 2º Vol. Estados. Rio de Janeiro: Oficinas Typographicas do Almanak Laemmert, 1915. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

ALMANAK LAEMMERT. **Anuario Commercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo da República dos Estados Unidos do Brasil para 1919-1920**. 76º Anno, 2º Vol. Estados. Rio de Janeiro: Oficinas Typographicas do Almanak Laemmert, 1920. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

ALMANAK LAEMMERT. **Anuario Commercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo Capital Federal e dos Estados Unidos do Brasil**. Edição para 1925 (81º Anno), 4º Vol. Estados do Sul. Rio de Janeiro: Oficinas Typographicas do Almanak Laemmert, 1925. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

ALMANAK LAEMMERT. **Anuario Commercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo da Capital Federal e dos Estados Unidos do Brasil**. Edição para 1930 – 4º Vol. – Estados do Sul. Rio de Janeiro: Empreza Almanak Laemmert Limitada, 1930. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

ALMANAK LAEMMERT. **Guia Geral do Brasil**. Edição para 1935. 91º Ano. Rio de Janeiro: Empreza Almanak Laemmert Limitada, 1935. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

ALMANAK LAEMMERT. **Guia Geral do Brasil**. Edição para 1940. Rio de Janeiro: Empreza Almanak Laemmert Limitada, 1940. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

BARBUY, Heloísa. **A Cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

BELCHIOR, Elysio de O.; POYARES, Ramon. **Pioneiros da Hotelaria no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: SENAC, 1987.

CARVALHO, Haroldo L.. **A Modernização em Porto Alegre e a Modernidade do Majestic Hotel**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifca Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1994.

CASTILHO, Carla S.; PERONI, Naira de O. Hotelaria em Porto Alegre. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, vol. 2, n. 1, p. 4-19, mar. 2008. Disponível em: <http://www.rbtur.org.br/rbtur/article/view/92/91>. Acesso em: 14 maio 2015.

CAXIAS – JORNAL, Caxias do Sul, 28.07.1934. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

CHARÃO, Egiselda B.. **Mulheres italianas e trabalho em Porto Alegre/RS (1945-1965)**: história de uma imigração esquecida. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

CONFEDERAÇÃO Nacional do Comércio. **Breve história do turismo e da hotelaria**. Rio de Janeiro: Conselho de Turismo, 2005.

DIÁRIO POPULAR, Pelotas, 22.08.1942. Acervo da Biblioteca Pública Pelotense – Pelotas/RS.

DONEGÁ, Ana Laura. Folhinha e Almanaque Laemmert: pequenos formatos e altas tiragens nas publicações da Tipografia Universal. **Revista do SETA**, Campinas, v. 6, p. 16-28, 2012.

ECHART, Liara; MÜLLER, Dalila. Notas de Pesquisa: os arrendamentos do Grande Hotel (Pelotas/RS). In: LOPES, Aristeu E. M.; SILVA, Daniele G. G.; ARAÚJO, Vinícius C. D. de (orgs.). **História e mídias: diálogos (im)prováveis**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017. p. 69-82.

FLORES, Hilda Hübner (Org.). **Turismo no Rio Grande do Sul**. 50 anos de pioneirismo no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

FRANCISCO, Júlio C. B.. **Dos cedros aos pampas: imigração sírio-libanesa no Rio Grande do Sul, identidade e assimilação (1890-1949)**. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul – Censos do RS 1303-1950**. Porto Alegre, 1981.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo Demográfico**. População e Habitação. Quadros de totais referentes ao Estado e de distribuição segundo os Municípios. Quadros Sinóticos por Município. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1950. (Parte XX Rio Grande do Sul – Tomo 1).

IPHAE (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado). **Patrimônio Ferroviário no Rio Grande do Sul: Inventário das Estações 1874-1959**. Porto Alegre: Pallotti, 2002.

LEÃO, Silvia L. C.. Os antigos hotéis de Porto Alegre. **Arqtexto**. Porto Alegre. 2000. p. 4-12. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/22139>. Acesso em: 16 maio 2015.

LIVRO DE ASSIGNANTES DA COMPANHIA TELEPHONICA MELHORAMENTOS E RESISTÊNCIA. Livro 4, Pelotas-RS, 1925-1934. Acervo do Museu das Telecomunicações – UFPel – Pelotas-RS.

MACHADO, Flávia C.. Casas de Pasto: Presença na Proto-História do Turismo no Rio Grande do Sul. **Revista Rosa dos Ventos**, vol. 6, n. 2, p. 307-320,

abr./jun. 2014. Disponível em: http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2635/pdf_252. Acesso em: 14 maio 2015.

MÜLLER, Dalila. “Viagens de Recreio”: primeiras manifestações do turismo em Pelotas/RS. In: CASTRO, C.; GUIMARÃES, V. L.; MAGALHÃES, A. M. (orgs.). **História do Turismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

MÜLLER, Dalila. “**Feliz a População que tantas Diversões e Comodidades Goza**”: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870). Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2010.

MÜLLER, Dalila. **A Hotelaria em Pelotas e sua Relação com o Desenvolvimento da Região: 1843 a 1928**. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2004.

O MOMENTO, Caxias do Sul, 07.09.1939; 11.09.1939. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

PARADEDA, Maria Regina. **Arquitetura da paisagem e modernidade: um estudo sobre representações e memória das praças de Pelotas: 1860-1930**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

PEREIRA FILHO, Raimundo A.. **Lupanares e Puteiros: os últimos suspiros do Rendez-vous na sociedade Manauara (1959-1969)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2014.

PIRES, Mário Jorge. **Raízes do Turismo no Brasil**. São Paulo: Manole, 2001.

PROSPECTO DA COMPANHIA GRANDE HOTEL DE PELOTAS. Pelotas: Off. Typ. do Diário Popular, 1922. Acervo da Biblioteca Pública Pelotense – Pelotas/RS.

SCHMITZ, Maira E.. **Nas asas do vapor...** Construção do espaço ferroviário em Pelotas/RS (fim do séc. XIX – início do séc. XX). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2013.

SIQUEIRA, Lucília. Os Hotéis nas Proximidades das Estações Ferroviárias da Cidade de São Paulo (1900-1917). **Revista de História**, n. 168, p. 414-442, 2013.

SIQUEIRA, Lucília. Os hotéis na cidade de São Paulo na primeira década do século XX: diversidade no tamanho, na localização e nos serviços. **Revista Brasileira de História**, vol. 32, n. 63, p. 341-360, 2012a.

SIQUEIRA, Lucília. Hospedar-se na fronteira: os hotéis de médio e pequeno porte na cidade de São Paulo no começo do século XX. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, XXI, 2012, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: ANPUH-SP, 2012b. p. 1-9.

TEIXEIRA, Larissa P.. **A Trajetória do Hotel Aliança (1843-1968): 124 anos de História em Pelotas/RS**. Monografia (Curso de Bacharelado em Turismo) – Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2018.

WASSERMAN, Cláudia. O Rio Grande do Sul e as Elites Gaúchas na Primeira República: guerra civil e crise no bloco do poder. In: GRIJÓ, L. A. *et al.* (orgs.). **Capítulos da História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 273-290.

Recebido em: 30 de dezembro de 2019

Aceito em: 08 de abril de 2021